

Eriksen, S. G. (ed.), *Intellectual Culture in Medieval Scandinavia, c. 1100-1350*, (DISPUT 28) Brepols, Turnhout 2016, XII+442 pp. ISBN: 978-2-503-55307-8

O volume recentemente editado por Eriksen apresenta, através de uma compilação plural mas coerente de estudos, uma excelente visão panorâmica da situação cultural do extremo norte Europeu durante a Idade Média. A cultura escandinava, particularmente deste período, apresenta-se como uma grande desconhecida para os estudos medievais centrados sobretudo no Sudoeste europeu e no Mediterrâneo. O volume propõe uma série de olhares multidisciplinares sobre temas da cultura escandinava, organizados em três secções: «Negotiating Identity», «Thinking in Figures» e «Worldly Existence and Heavenly Salvation». Esta estrutura temática conduz o leitor de forma harmoniosa por uma série de capítulos cuja leitura, especialmente para leigos, seria de outra forma mais impenetrável. De facto, a própria editora abre e encerra o volume – com a introdução e o capítulo final – expondo a interligação entre todos os estudos numa

perspectiva circular mas aberta. O valor dado à comunicação temática entre os artigos, com efeito, surge como um reflexo da pertinente imagem de ilustração da capa: um diagrama circular proveniente de um testemunho do *Segundo Tratado de Gramática do Norueguês antigo* (s. XIV).

Em «Introduction: Intellectual Culture and Medieval Scandinavia» (pp. 1-34), S. Eriksen revela ao leitor o objectivo de apresentar com este livro um mapa: de facto, tal como um mapa, este é um objecto orientador que tanto pode servir neófitos como especialistas na área. Cada estudo revela uma investigação profunda e exigente, sem que por isso se torne demasiado críptica para não especialistas em cultura nórdica. A abundância de referências bibliográficas que acompanha cada capítulo oferece novas pistas de investigação. Ao explicar a selecção e organização dos capítulos, a editora chama a atenção para a necessidade de considerar a tradução – compreendida a vários níveis, sejam eles filosóficos, históricos, literários, linguísticos e estéticos – de modelos europeus para a cultura nórdica entre os séculos XII e XIV.

Esta negociação de identidade passa, em grande medida, por avaliar o papel da importação de modelos latinos e da organização eclesíastica numa cultura já firmemente estabelecida, tal como apresenta G. Harðarson no seu estudo introdutório «Old Norse Intellectual Culture: Appropriation and Innovation» (pp. 35-73). A partir da aproximação das culturas islandesa e norueguesa aos modelos do centro europeu, o autor equaciona, por um lado, como é que se inclui a cultura latina no âmbito norueguês e, por outro, como é que se procura incluir a cultura norueguesa no contexto europeu. Naturalmente que a integração da cultura em latim passa pela tradução, fenómeno recorrente, incluindo-se traduções de autores ibéricos, como Pedro Hispano ou Pedro Afonso. Ao mesmo tempo, a aproximação do Norte à cultura latina irá fazer-se pela escrita historiográfica, especialmente de obras de carácter enciclopédico e universal. Em obras como o *Hauksbók* (1299-1319), encomendado pelo rei Hákon Magnússon, atribuem-se origens troianas à aristocracia nórdica, numa clara busca de identificação com a tradição romana.

Será certamente com o objectivo de contextualizar a cultura nórdica no âmbito europeu que, na secção «Negotiating Identity», se inclui o capítulo «Intellectual Culture in Medieval Paris: Academic Discourse, Marriage, and Money» (pp. 77-102), de I. Wei. Ao centrar-se detalhadamente na vida intelectual parisiense do período abordado pelo estudo, mas falhando em estabelecer quaisquer pontes evidentes com os temas centrais da obra, este capítulo torna-se um excurso dificilmente compreensível no mapa que Eriksen decide apresentar. Aproximações muito distintas são feitas nos capítulos seguintes desta parte do volume. Em «A

Deliberate Style: The Patronage of Early Romanesque Architecture in Norway» (pp. 103-135), K. Hauglid apresenta o estado da arte sobre os estudos da tradição arquitectónica norueguesa. A partir desta primeira abordagem, assinalam-se as continuidades e rupturas com tradições prévias: por um lado, a influência da cultura pré-cristã na ornamentação de edifícios religiosos; por outro, a apropriação de elementos decorativos românicos específicos da tradição normanda, com traços exclusivos dos espaços anglo-normando e norueguês. A adopção de um estilo específico sublinha o propósito de identificar os normandos como descendentes dos nórdicos, aproximando com isso o Norte do Centro europeu. Um outro ponto de vista é assumido por B. Bandlien em «Situating Knowledge: Shaping Intellectual Identities in Iceland, c. 1180-1220» (pp. 137-174), que reflete sobre os espaços de produção cultural e os contextos sociais abrangidos e/ ou actuantes sobre os centros de conhecimento, destacando-se a escola catedralícia de Skálholt e o mosteiro beneditino de Þingeyrar, respectivamente no Sul e Norte da Islândia. A partir das sagas redigidas em torno das principais figuras da igreja islandesa, Bandlien revela que, ainda que haja um notável peso da cultura nativa na produção literária, os textos manifestam um conhecimento profundo das principais referências romanas, conjugando-se assim conhecimentos e ideais estéticos de ambos os mundos. K. Vadum, em «Canon Law and Politics in Grímr Hólmsteinsson's *Jóns Saga Baptista II*» (pp. 175-209), reflete sobre a influência de tratados canónicos na cultura literária nórdica do século XIII. O autor parte da obra mais influenciada pela argumentação política canonística – *Jóns Saga Baptista* – para avaliar o uso que Hólmsteinsson faz das suas fontes. Destaca-se a influência da *Summa de Casibus* de Raimundo de Penaforte em versão islandesa, assinalando-se também o recurso ao *Speculum Historiale* de Vicente de Beauvais e à *Historia Scholastica* de Pedro Comestor para recolher informações historiográficas e exegéticas adicionais.

A segunda parte da obra, «Thinking in Figures», assume uma perspectiva metalinguística das culturas nórdicas, considerando assim como é que as línguas da Escandinávia medieval são (re) pensadas à luz da gramática e da retórica latinas. R. Copeland, em «Grammar, Rethoric and Figurative Language: Learned Innovations and Vernacular Receptions» (pp. 213-242), começa por apresentar uma detalhada contextualização dos estudos sobre retórica e gramática entre 1080 e 1210 a nível europeu para revelar como os debates são acolhidos nos meios nórdicos. Ao abordar obras de cariz variado – gramática, pedagogia, teoria da retórica, manuais – a autora concentra-se nos debates em torno da linguagem figurativa. Assinalando as traduções para islandês de *Barbarismus* de Donato e

de partes das *Institutiones* de Prisciliano por volta de 1250, Copeland sublinha as especificidades das traduções de obras gramaticais para línguas nórdicas, nomeadamente no que respeita a sua antiguidade mas, especialmente, pelo facto de se recorrer à literatura da língua de chegada – preferencialmente, à poesia escáldica – para exemplificar a doutrina gramatical e, particularmente, a função e uso da metalepse. De forma idêntica, os estudos de Å. Ommundsen, «Traces of Latin Education in the Old Norse World» (pp. 243-261) e de M. Males, «Applied Grammatica: Conjuring up the Native *Poetae*» (pp. 263-307) incidem sobre o grau de literacia em latim das culturas nórdicas, alertando Ommundsen para a necessidade de reavaliar a transmissão de textos em latim em contexto escandinavo, que segue tendências similares às do resto da Europa. Por sua parte, Males assinala o impacto dos tratados de gramática – redigidos em norueguês antigo entre 1150 e 1350 mas baseados em obras latinas – sobre a produção literária islandesa. Finalmente, M. Malms, em «Two Cultures of Visual(ized) Cognition» (pp. 309-334), reflecte sobre a definição de «kenning» nas gramáticas nórdicas. Este recurso de estilo, que consiste em duas ou mais locuções que potenciam a evocação de imagens da natureza e/ ou mitologia nórdicas, mais do que uma caracterização, é um artifício de definição visual que concede mais informação sobre o referente, constituindo um elemento fundamental da literatura nórdica. O debate sobre a sua definição, sobre o seu lugar nos estudos – gramáticos ou retóricos – e a aparente equivalência à «notatio» latina revelam a reconfiguração da consciência linguística escandinava à luz dos novos conhecimentos latinos obtidos durante a Idade Média.

Sem dúvida que as duas primeiras partes do volume constituem as bases para melhor compreender os três estudos finais, congregados em «Worldly Existence and Heavenly Salvation». Com efeito, após a contextualização histórico-cultural e linguística, a partir das quais se pode compreender a reflexão da cultura nórdica sobre si mesma face à tradição latina e à sua própria herança, torna-se mais acessível compreender as especificidades culturais e religiosas no âmbito escandinavo. Deste modo, em «*Messuskýringar*: Old Norse Expositions of the Latin Mass and the Ritual Participation of the People» (pp. 337-371), S. Hareide começa por reflectir sobre a adopção de rituais performativos da liturgia latina num Norte muito mais recentemente cristianizado do que o resto da Europa. O «*messuskýringar*», *corpus* de *expositiones missae* em norueguês antigo, atesta o uso do vernáculo quer nas homilias, nomeadamente através da tradução do Evangelho para vulgar, quer em orações como o *Pater Noster*, desvendando as estratégias de aproximação da cultura norueguesa ao cristianismo ocidental. Através da avaliação de altares

romanescos em metal dinamarqueses, K. Aavitsland avalia a ligação entre as funções estética, pedagógica e legitimatória das representações artísticas em «Cultivating Virtues on Scandinavian Soul: The Rise of a Christian Humanism and Ecclesiastical Art in Twelfth-Century Denmark» (pp. 373-392). Encerrando o ciclo e o volume, S. Eriksen aborda o debate teológico e filosófico sobre a inseparabilidade do corpo e alma em contexto nórdico. No capítulo «Body and Soul in Old Norse Culture» (pp. 393-428), a autora indica a profusão de traduções de obras filosóficas e teológicas para uso educativo eclesiástico em norueguês antigo, nomeadamente do poema francês «Un Samedi par Nuit» e do *Soliloquium de arrha anima* de Hugo de S. Vítor. Ainda no que concerne as traduções para nórdico antigo, destaca-se novamente o *Hauksbók*, já brevemente referido no mesmo volume por Harðarson, que compila, além da citada obra de Hugo de S. Vítor, textos de carácter enciclopédico. Através de Eriksen, sabe-se que o *Hauksbók*, integralmente redigido em língua vulgar, inclui excertos de obras historiográficas europeias e islandesas, assim como excertos das *Etimologiae* de Isidoro de Sevilha, das *Disciplinas clericalis* de Pedro Afonso, da *Constitutio mundi* e *Prognostica temporum* de Beda, da *Historia librorum regum* de Pedro Comestor, da *Summa decretalium* e de obras literárias como a *Trójumanna saga* (história troiana), a *Breta sögur* (história britânica) e *Merlínusppá* (história de Merlim). O estudo revela que o *Hauksbók* não é um caso isolado, existindo várias obras literárias e teológicas de grande divulgação pelo continente europeu traduzidas e conhecidas em contexto islandês. Por outro lado, ao avaliar os debates teológicos nórdicos, S. Eriksen recorda a necessidade de aprofundar os estudos sobre a relação entre filosofia abstrata e teologia, assim como teologia ética e moral aplicada, em contexto europeu para melhor compreender fenómenos manifestados em âmbito nórdico. Com efeito, visa-se encerrar circularmente o volume, retomando a contextualização da Escandinávia medieval na Europa do seu tempo.

Intellectual Culture in Medieval Scandinavia, c. 1100-1350, interpela o leitor com novas e pertinentes questões. O estatuto periférico da Escandinávia implica, como se procura demonstrar, mecanismos de identificação com o resto da Europa e de afirmação de uma cultura própria. De facto, se por um lado a Escandinávia não foi sequer romanizada e possuía já uma vigorosa produção escrita em línguas locais – estando, assim, à margem da cultura latina –, por outro lado, a cristianização e o desejo de aproximação ao resto do mundo cristão – ou seja, europeu e latinizado – conduz à integração e assimilação de novas estéticas meridionais na cultura pré-existente. Ao deixar em aberto o panorama sobre a

cultura nórdica medieval, oferecendo simultaneamente bons pontos de partida para abordagens mais aprofundadas, este volume revela-se um excelente manual de iniciação para investigadores das várias disciplinas dos estudos medievais. A leitura resulta frutífera e o objectivo de aproximação de culturas periféricas aos centros intelectuais europeus é, sem dúvida, atingido por S. Eriksen.

Mariana Leite
(SMELPS / Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)